

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL 31.886

PUBLICADO DESDE 1921 - PROPRIEDADE DA EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A.

Presidente: LUIZ FRIAS
Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO
Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO
Editor-executivo: SÉRGIO DÁVILA
Conselho Editorial: ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, MARCELO COELHO, JANIO DE FREITAS, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HEITOR CONY, CELSO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)
Diretoria-executiva: MARCELO BENEZ (comercial), MURILO BUSSAB (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (financeiro) E EDUARDO ALCARO (planejamento e novos negócios)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br



MARCO AURÉLIO CANÔNICO

A última Olimpíada

RIO DE JANEIRO - O nítido mau humor que tomou conta do noticiário relacionado à Rio-2016 e contaminou as expectativas da população quanto aos Jogos, como mostrou o Datafolha, não é uma particularidade brasileira.

Antes de cada Olimpíada, o cenário se repete: a conquista do direito de sediar acontece em meio a um otimismo irreal, inflado por interesses políticos e econômicos nem sempre confessáveis. Em seguida começam as obras e as críticas, da imprensa, dos cidadãos, da oposição política.

É comum que as cidades-sede — mesmo as que entregam todas as obras antecipadamente — cheguem às vésperas dos Jogos cercadas de dúvidas e reclamações. Isso é o corolário inevitável do papel fiscalizador da imprensa, e não significa torcer contra. No caso nacional, as desconfianças foram acentuadas pelas crises política e econômica do Estado do Rio e do país.

A raiz do problema, no entanto, é

que o modelo de Olimpíada que se fez até aqui, com cada nação tentando superar a antecessora em exibicionismo, provou-se furado — coisa que o próprio Comitê Olímpico Internacional foi forçado a reconhecer.

Não por acaso, o COI criou a Agenda 2020, projeto para tornar os Jogos sustentáveis, contendo o gigantismo de construções e gastos. O evento seguinte ao do Rio, em Tóquio, já será organizado de acordo com essa nova lógica. Acaba a concentração de competições em um só lugar, como há no Parque Olímpico da Barra. O novo modelo prevê a utilização de infraestrutura já existente, em vez da construção de novas arenas.

A Rio-2016 será a última Olimpíada em um modelo ultrapassado. Chegamos tarde e compramos um produto que estava saindo de linha. Agora é tentar evitar que os gastos com a sua manutenção façam ressurgir o mau humor e as críticas pós-Jogos.

marco.canonico@grupofolha.com.br